

É PRECISO SER-SE DEUS PARA GOSTAR TANTO DE SANGUE

RESUMO

Apresento aqui excertos do livro *O evangelho segundo Jesus Cristo* em que José Saramago desperta a compaixão do leitor pelos animais utilizados em sacrifícios rituais entre os judeus antigos, salientando, ao mesmo tempo, a pobreza das razões humanas para confiar nesses atos sangrentos e a inocência das vítimas imoladas inutilmente, incluindo aí a do próprio Jesus de Nazaré. Discuto brevemente a decisão do Supremo Tribunal Federal no julgamento da constitucionalidade das práticas de sacrifício de animais em cultos de religiões de matriz africana.

Palavras-chave: José Saramago, *O evangelho segundo Jesus Cristo*, compaixão, sacrifício animal.

ONE MUST BE GOD TO LOVE BLOOD SO MUCH

ABSTRACT

I present here excerpts from the book *O evangelho segundo Jesus Cristo*, in which José Saramago arouses the reader's compassion for the animals used in ritual sacrifices among the ancient Jews, stressing, at the same time, the poverty of human reasons to trust in these bloody acts and the innocence of the needlessly immolated victims, including that of Jesus of Nazareth himself. I briefly discuss the decision of the Brazilian Federal Supreme Court in the trial of the constitutionality of animal sacrifice practices in cults of religions of African matrix.

Keywords: José Saramago, *O evangelho segundo Jesus Cristo*, compassion, animal sacrifice.

HAY QUE SER DIOS PARA AMAR TANTO LA SANGRE

RESUMEN

Presento aquí fragmentos del libro *O evangelho segundo Jesus Cristo*, en los que José Saramago despierta la compasión del lector por los animales utilizados en los sacrificios rituales entre los antiguos judíos, subrayando, al mismo tiempo, la pobreza de las razones humanas para confiar en estos actos sangrientos y la inocencia de las víctimas innecesariamente inmoladas, incluida la del propio Jesús de Nazaret. Analizo brevemente la decisión del Supremo Tribunal Federal de Brasil en el juicio de constitucionalidad de las prácticas de sacrificio de animales en los cultos de las religiones de matriz africana.

Palabras clave: José Saramago, *O evangelho segundo Jesus Cristo*, compasión, sacrificio de animales.

Pela primeira vez, também sentia quais eram os deveres de um criador para com sua criatura, e que devia fazê-la feliz antes de me queixar de sua perversidade.
Mary Shelley. Frankenstein.

Os deuses vendem quando dão.
Fernando Pessoa. Mensagem

O conhecimento científico é a melhor maneira de educar a população, mas o homem comum tende a ser mais emocional que científico, de modo que a (boa) literatura, ao mesmo tempo em que retrata a mentalidade de um povo, pode desempenhar um papel fundamental na mudança dessa mesma mentalidade.

Vejam os que diz Maciel (2011) no resumo de seu artigo em que analisa duas obras de John M. Coetzee, escritor sul-africano laureado com o Prêmio Nobel de Literatura (os grifos são meus):

Este artigo aborda, sob a perspectiva da biopolítica, a “questão dos animais” na obra de Coetzee, com ênfase nos romances *A Vida dos Animais* e *Desonra*. Pretende-se mostrar como o autor, por vias ficcionais, questiona as filosofias antropocêntricas do Ocidente e explora os possíveis nexos entre a violência contra os animais e a violência contra humanos, destacando-se como o pensador contemporâneo que, no campo da literatura, mais contribuição tem dado a esse debate.

Maciel (2011) nos informa nesse artigo que diversos outros romances de Coetzee abordam o problema da relação homem-animais em seus diversos matizes: *No Coração do País* (1977), *Foe* (1986), *Juventude* (1997), *Diário de Um Ano Ruim* (2007).

Temos aqui um exemplo de como o pensamento filosófico não está restrito aos filósofos, mas que a literatura pode realizar com propriedade a tarefa de refletir sobre a natureza das ações humanas, particularmente no domínio da Ética, e que frequentemente o faz de maneira até mais influente que aquela da Filosofia,

posto que apela para a sensibilidade do leitor. Encontraremos facilmente outros exemplos dessa função nobre da literatura tanto nos romances filosóficos de Voltaire e Diderot, como nas obras dos maiores ficcionistas de todos os tempos, incluindo Balzac, Dostoiévski, Tolstói, Machado de Assis e, claro, o próprio José Saramago. Em suma, alguns poucos escritores são também pensadores, de modo que a literatura imaginativa pode-se constituir em um meio eficaz de discussão filosófica, contribuindo para o debate de ideias em diversos campos da atividade humana.

Da mesma forma que o nosso Bruxo do Cosme Velho, Saramago era ateu e possuía uma grande sensibilidade para o sofrimento humano e, por extensão, para o sofrimento dos animais. Outra semelhança entre esses dois gênios da literatura em língua portuguesa reside no fato de sua oposição àquele sofrimento não ter caráter panfletário: recusavam-se, ambos, a proclamar em altos brados suas razões, confiando ao leitor a tarefa de perceber por si mesmo a compaixão embutida em sua prosa.

A postura ateuista de Saramago tornou-o uma *persona non grata* para o Vaticano, ao ponto de essa instituição milenar praticamente ter comemorado sua morte. O Jornal do Vaticano, *L'Osservatore Romano*, publicou um obituário dedicado ao escritor português em que o chama de “eterno marxista” e “um homem e um intelectual de nenhuma admissão metafísica, ancorado até ao final numa confiança arbitrária no materialismo histórico”. A indignação da Santa Sé expressa-se com mais clareza, por motivos óbvios, em relação aos romances *O evangelho segundo Jesus Cristo* (Saramago, 1991) e *Caim* (Saramago, 2009).

A presença de animais é quase uma constante nos romances de Saramago, sobretudo de cães, que aparecem como personagens relevantes em *Levantado do chão*, *A jangada de pedra*, *História do cerco de Lisboa*, *Ensaio sobre a cegueira*, *A caverna* e *ensaio sobre a lucidez* (Saramago, 1980, 1986, 1989, 1995, 2000, 2004), mas outros animais têm papel importante em outros livros, como *Memorial do convento* (Saramago, 1982) e *O evangelho segundo Jesus Cristo* (Saramago, 1991),

incluindo um protagonista-elefante (ou seria um elefante-protagonista?) em *A viagem do elefante* (Saramago, 2008).

A investigação sobre a expressão da compaixão pelo sofrimento imposto aos animais pelo homem na ficção de Saramago, nunca antes realizada de forma sistemática, vem sendo desenvolvida por mim desde 2018, como pesquisador colaborador do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (Bertoluci, 2020a,b, 2021, 2022). Pretendo aqui contribuir com mais um pequeno elemento de construção para a imensa catedral que é a obra do Nobel português analisando o sacrifício ritual de animais em *O evangelho segundo Jesus Cristo*.

Na seção seguinte, os números de páginas referem-se a Saramago (1991), e as citações bíblicas, incluindo as textuais, foram retiradas da edição ecumênica da Bíblia Sagrada (1977).

O SACRIFÍCIO DOS INOCENTES

Jesus nasceu há pouco, e José e Maria levam-no ao Templo de Jerusalém com a finalidade de purificar Maria (o que quer que isso signifique) por meio do sacrifício de duas rolas (p. 98):

Para lá vão caminhando o carpinteiro e sua mulher, para lá vai sendo levado Jesus, depois de ter seu pai comprado duas rolas a um comissário do Templo, se a designação é apropriada para quem serve o monopólio deste religioso negócio.

Esse episódio aparentemente delicado, mostrado no célebre afresco de Giotto e nas telas de Giovanni Bellini, Andrea Mantegna e Hans Holbein, apenas para citar alguns dos pintores mais cultuados da tradição ocidental, revela, mais uma vez, o profundo conhecimento de José Saramago das (assim chamadas) Sagradas Escrituras, e inicia a sucessão de críticas que fará ao longo do livro ao sofrimento imposto pela religião aos animais não-humanos e humanos. Lê-se em Lucas 2, 22-24:

E depois que foram concluídos os dias da purificação de Maria, segundo a Lei de Moisés, o levaram a Jerusalém, para o apresentarem ao Senhor, segundo o que está escrito na lei do Senhor: todo o filho macho, que for primogênito, será consagrado ao Senhor. E para oferecerem em sacrifício, conforme ao que está mandado na lei do Senhor: um par de rolas ou dois pombinhos.

O terceiro evangelista refere-se às orientações encontradas em Levítico 12, 2-8, referentes à maneira apropriada de purificar mulheres de seu ato pecaminoso de contrair matrimônio e dar à luz as crianças que povoam o mundo, fazendo ainda claras distinções quanto ao tamanho do pecado caso tenham parido macho ou fêmea:

2. [...] Se uma mulher, tendo usado do matrimônio, parir macho, será imunda sete dias. [...] 4. E ela ficará ainda trinta e três dias a purificar-se das consequências de seu parto. Não tocará coisa alguma santa, nem entrará no santuário. 5. Se ela parir fêmea, será imunda duas semanas, como nas suas purgações menstruais; e ficará sessenta e seis dias a purificar-se das consequências de seu parto. 6. Completos que forem os dias de sua purificação, ou por filho, ou por filha, levará ela à porta do tabernáculo do testemunho um cordeiro dum (*sic*) ano, para ser oferecido em holocausto, e oferecerá pelo pecado um pombinho, ou uma rola, que entregará ao sacerdote. [...] 8. Se ela, porém, não teve modo de poder oferecer um cordeiro, tomará duas rolas, ou dois pombinhos, um para ser oferecido em holocausto, outro pelo pecado: e o sacerdote orará por ela, e ela será assim purificada.

É forçoso concluir que o povo judeu não se extinguiu graças às mulheres mais pecaminosas, aquelas que geraram filhas, e que portanto mereceram mais grave punição. Conclui-se também que a profissão de carpinteiro não devia ser muito valorizada à época, pois José parece não ter tido condições de oferecer ao sacerdote mais do que duas pobres rolas.

Num exercício de pura empatia, Saramago penetra no pensamento das rolinhas (p. 98), inocentes ao ponto de desconhecerem seu cruel destino (e ignorando até mesmo evidências mais urgentes do sofrimento de outros animais) ...

As pobres avezinhas não sabem ao que vão, embora o cheiro de carne e de penas queimadas que paira no ar não devesse enganar ninguém, sem falar de cheiros muito mais fortes, como o do sangue, ou o da bosta dos bois arrastados para o sacrifício e que de premonitório medo se borram desgraçadamente.

... e de confiarem na bondade de quem as estaria libertando:

José é o que leva as rolas, aconchegadas no côncavo das suas grossas mãos de obreiro, e elas, iludidas, dão-lhe, de pura satisfação, umas bicadas suaves nos dedos, encurvados em forma de gaiola, como se quisessem dizer ao novo dono, Ainda bem que nos compraste, contigo queremos ficar.

Nem Maria nem José parecem dar-se conta do que estão prestes a fazer, ela, fascinada pela maternidade, e ele, embotado pela rudeza dos próprios sentidos (p. 98):

Maria não dá por nada, agora só para o filho tem olhos, e a pele de José é demasiado dura para sentir e decifrar o morse amoroso do casal de rolinhas. [...] José e Maria entram, entra Jesus levado por eles, e a seu tempo sairão a salvo, mas as rolas, já o sabíamos, vão morrer, é o que quer a lei para reconhecer e confirmar a purificação de Maria.

Saramago resgata a ironia de Voltaire, somando-a à sua própria (p. 98): “A um espírito voltaireano, irônico e irrespeitoso, se bem que nada original, não escaparia o ensejo de observar que, vistas as coisas, parece ser condição para a manutenção da pureza no mundo existirem nele animais inocentes, rolas ou cordeiros sejam.”

Já à entrada do templo vislumbra-se a violência perpetrada contra os animais destinados ao sacrifício, numa escrita que evoca crueldade e melancolia (p. 99):

À entrada estão os levitas à espera dos que vêm oferecer sacrifícios, porém neste lugar a atmosfera será tudo menos piedosa, salvo se a piedade era então compreendida doutra maneira, não é só o cheiro e o fumo das gorduras estorricadas, do sangue fresco, do incenso, é também o vozear dos homens, os berros, os balidos, os mugidos dos animais que esperam vez no matadouro, o último e áspero grasnido duma ave que antes soubera cantar.

À descrição do interior do templo — que em nada se distingue de um açougue dotado de seu próprio matadouro — e do arsenal usado na matança dos animais segue-se uma evocação velada da compaixão do leitor, fazendo-o refletir sobre a contradição explícita de um Criador que não tem apreço pela absoluta maioria de suas criaturas (p. 98):

Lá dentro é uma forja, um talho e um matadouro. Em cima de duas grandes mesas de pedra preparam-se as vítimas de maiores dimensões, os bois e os vitelos, sobre tudo, mas também carneiros e ovelhas, cabras e bodes. Perto das mesas encontram-se uns altos pilares onde se dependuram, em ganchos chumbados na pedra, as carcaças das reses, e vê-se a frenética actividade do arsenal dos açougues, as facas, os cutelos, os machados, os serrotes, a atmosfera está carregada dos fumos da lenha e dos coiratos queimados, de vapor de sangue e de suor; uma alma qualquer, que nem precisará ser santa, das vulgares, terá dificuldade em entender como poderá Deus sentir-se feliz em meio de tal carnificina, sendo, como diz que é, pai comum dos homens e das bestas.

Saramago apresenta Deus como inacessível aos homens e humaniza as personagens divinas (p. 100):

Deus é tanto mais Deus quanto mais inacessível for, e José não passa de pai de um menino judeu entre os meninos judeus, que vai ver morrer duas rolas inocentes, o pai, não o filho, que esse, inocente também, ficou ao colo da mãe, imaginando, se tanto pode, que o mundo será sempre assim.

Acompanhemos, ainda que muito a contragosto, resistindo a adentrar tão tenebroso espaço, à semelhança de um daqueles desgraçados bois arrastados à morte, o destino das rolinhas que resgatarão a pureza da mãe de Jesus (p. 101, grifo meu):

Junto ao altar ... um sacerdote ... espera que o levita lhe entregue as rolas. Recebe a primeira, leva-a até uma esquina do altar e aí, de um só golpe, separa-lhe a cabeça do corpo. O sangue esguicha. O sacerdote espargue com ele a parte inferior do altar, e vai depois colocar a ave degolada num escoadouro onde acabará de dessangrar-se, e aonde, acabado o turno de serviço, irá buscá-la, pois passou a pertencer-lhe.

Para redigir a frase destacada na citação acima, Saramago deve ter-se inspirado diretamente na tradição judaica, pois afirma-se que “os rituais de abate e oferta tinham como função principal o suprimento de carne como alimento para os sacerdotes e funcionários dos templos, que funcionavam como verdadeiros abatedouros” (Vieira e Silva, 2016, p.103); entende-se assim porque Moisés decidiu que as pessoas mais bem-sucedidas deveriam oferecer um cordeiro em sacrifício, um manjar muito mais substancial, “garantindo a boa vida [da classe sacerdotal] mesmo em períodos de escassez”. A segunda rolinha não servirá de alimento (p. 101):

A outra rola gozará da dignidade do sacrifício completo, o que significa que será queimada. O sacerdote sobe a rampa que leva ao cimo do altar, onde arde o fogo sagrado, e, sobre a cornija ... descabeça a ave, rega com o sangue o chão da plataforma ... e arranca-lhe as vísceras.

A indiferença cartesiana pelo sofrimento e morte inúteis dos animais, que domina o templo (“Ninguém dá atenção ao que se passa, é apenas uma pequena morte.”), encontra eco em José, que parece preocupado apenas em certificar-se que sua oferta atinja as narinas do criador (“José, de cabeça levantada, queria perceber, identificar, entre o fumo geral e os cheiros gerais, o fumo e o cheiro do seu sacrifício, quando o

sacerdote, depois de salgar a cabeça e o corpo da ave, os atirar à fogueira. Mal pode ter a certeza.”), enquanto o narrador continua despertando nossa piedade, primeiramente com ironia (“Ardendo entre as labaredas revoltas, atizadas pela gordura, o corpinho esventrado e flácido da rola não enche a cova de um dente de Deus.”) e em seguida lamentando a fragilidade de todas as criaturas: “Um bezerro cai fulminado pela choupa, meu Deus, meu Deus, que frágeis nos fizeste e que fácil é morrer.” (p. 101).

Findos os trabalhos de purificação de Maria, “tudo voltou ao que era antes, a diferença é haver duas rolas a menos no mundo e um menino mais que as fez morrer.” (p. 102).

Depreende-se da narrativa desse episódio dantesco que Saramago desenha personagens passivamente integrados ao seu destino, indiferentes à carnificina de que o Templo é palco e, antes, põe o Mal na mente do próprio Criador: Maria atravessa toda a cena em total submissão, enquanto José comporta-se como um judeu respeitoso das leis. Sobre Jesus, nesse ponto, nada temos a falar, nem nós nem Saramago, ficando a sugestão de que a pureza e a inocência do menino parece refletir as dos animais que morreram inutilmente por ele, um prenúncio de seu papel de cordeiro de deus a ser imolado, também inutilmente.

E eis que em nossa história o menino tornou-se homem... Imbuindo o Cristo já adulto de humanidade, como em outras passagens mais polêmicas da narrativa, o narrador descreve a recusa de Jesus em levar um cordeiro pascal ao sacrifício, como exigia a tradição, incapaz de compreender (como qualquer pessoa minimamente dotada de bom-senso ou apenas de compaixão, diga-se) a necessidade de imolar um ser inocente em nome da fé (p. 249-250):

Jesus apertou o cordeiro contra o peito, não compreende por que não aceita Deus que no seu altar se derrame uma concha de leite, sumo da existência que passa de um ser a outro ser, ou nele se espalhe, com um gesto de semeador, um punhado de trigo, matéria

entre todas substantiva do pão imortal. O seu cordeiro ... não verá pôr-se o sol deste dia, é tempo de subir a escada do Templo, tempo de levá-lo ao cutelo e ao fogo, como se não fosse merecedor de viver ou tivesse cometido, contra o eterno guardião dos pastos e das fábulas, o crime de beber do rio da vida.

Num atitude de rebeldia, no caso de Jesus de Nazaré só possível na ficção, “como se uma luz houvesse nascido dentro dele, decidiu, contra o respeito e a obediência, contra a lei da sinagoga e a palavra de Deus, que este cordeiro não morrerá”, acrescentando a sua certeza de que estava incorrendo em mais uma falta e que o dia chegaria, “porque Deus não esquece,” em que teria de pagar por todas elas. (p. 250). A compaixão anima Jesus e, por enquanto, acaba vencendo (p. 250):

Durante um momento, o temor do castigo fê-lo hesitar, mas a mente, numa rapidíssima imagem, representou-lhe a visão aterradora de um mar de sangue infinito, o sangue dos inumeráveis cordeiros e outros animais sacrificados desde a criação do homem, que para isso mesmo é que a humanidade foi posta neste mundo, para adorar e sacrificar. A tal ponto o perturbaram estas imaginações que lhe pareceu ver a escadaria do Templo alagada de vermelho, escorrendo em toalhas de degrau em degrau, e ele próprio ali, com os pés no sangue, levantando ao céu, degolado, morto, o seu cordeiro.

Jesus envolve o cordeiro no alforge, “como para o defender duma ameaça agora iminente,” e se afasta do templo, escolhendo as ruas mais estreitas, “sem se preocupar com a direcção em que ia.” (p. 251). Encontra-se com Pastor (o Diabo), seu verdadeiro mentor, que corta, “com um movimento rápido e firme da faca”, a ponta da orelha do cordeiro para que Jesus conseguisse reconhecê-lo mais tarde no meio do rebanho; o pequeno pedaço cortado foi entregue a Jesus, que, “sem pensar”, deitou-o ao fogo: “das chamas, com o fumo, espalhava-se o cheiro inebriante da tenra carne queimada”, um arremedo de sacrifício ao seu deus (p. 257-259).

Cerca de três anos mais tarde, o mesmo animal, “já transformado pelo tempo numa vulgaríssima ovelha, apenas distinta das outras em faltar-lhe a ponta duma orelha”, perde-se nos limites do deserto. Pastor percebe a falta do animal, e Jesus sai a procurá-lo, adentrando no deserto (p. 259-260). Após inúmeros sofrimentos (“Os pés de Jesus sangram, o sol afasta as nuvens para feri-lo de espada nos ombros, os espinhos cortam-lhe a pele das pernas como unhas sôfregas, as cerdas chicoteiam-no.”), Jesus finalmente encontra a ovelha, deparando-se porém com o próprio deus, cuja voz, que o deteve antes que alcançasse o animal, emanava de “uma nuvem da altura de dois homens, que era como uma coluna de fumo girando lentamente sobre si mesma.” (p. 262). Como esperado, Deus é implacável e vingativo (p. 263):

Posso levar a minha ovelha ... Não, Porquê, Porque ma vais sacrificar como penhor da aliança que acabo de celebrar contigo, Esta ovelha, Sim, Sacrifico-te outra, vou ali ao rebanho e volto já, Não me contraries, quero esta.

Jesus tentará esquivar-se da fatídica tarefa apelando, em primeiro lugar, para a recomendação de Moisés sobre a necessidade da perfeição das vítimas usadas em sacrifícios (“Mas repara, Senhor, que tem defeito, a orelha cortada. Enganas-te, a orelha está intacta, repara, Como é possível, Eu sou o Senhor, e ao Senhor nada é impossível”) (p. 263-264). Em uma passagem anterior, quando Jesus esmolava para poder comprar seu cordeiro pascal (essa mesma ovelha), faz-se menção à condição exigida dos animais destinados ao sacrifício (p. 247):

... é por de mais sabido que o Senhor não aceita nos seus altares nada que não esteja perfeito e completo, por isso é que rejeita o animal cego, aleijado ou mutilado, sarnento ou com verrugas, imagine-se o escândalo no Templo se nos apresentássemos ao sacrifício com os quartos traseiros de um animal, e ainda assim sob condição de que os testículos dele não estivessem pisados, esmagados, quebrantados ou cortados, caso em que a exclusão estaria igualmente certa.

No instrutivo verbete “Sacrifício no Velho Testamento”, à página 123 do Dicionário da Bíblia, um apêndice da Bíblia Sagrada (1977), o leitor piedoso aprende o seguinte:

O sacrifício era a parte mais importante do culto judaico. De acordo com o objeto sensível oferecido a Deus, os sacrifícios eram classificados em: *cruentos* em que havia derramamento de sangue: bois carneiros, cabras, pombas) e *incruentos* (sem derramamento de sangue: grãos ou produtos agrícolas). Nos sacrifícios *cruentos*, só podiam ser oferecidos animais que fossem propriedade do oferente (Samuel 2, 24); os animais imundos, defeituosos ou roubados eram considerados indignos (Malaquias 1, 13).

Espero que o leitor, como eu, tenha ficado curioso para conhecer o que foi dito afinal em Malaquias sobre o assunto. Aqui está o desabafo patético do grande Senhor dos exércitos (Bíblia Sagrada, 1977, p. 772):

13 ... E vós me trouxestes umas rezes mancas, e doentes que eram fruto de vossas rapinas, e mas oferecestes de presente. Cuidais vós pois que receberei eu um tal presente da vossa mão? diz o Senhor. 14 Maldito seja o homem enganador, que tem no seu rebanho um animal são, e tendo feito voto dele ao Senhor, lhe sacrifica um doente: porque eu sou o grande Rei, diz o Senhor dos exércitos, e o meu nome é reverenciado com horror entre as gentes.

Para saber como Moisés — que, parece, nem mesmo era judeu, mas egípcio (Freud, 1975) — transmitiu as ordens do Senhor aos mancebos das doze tribos de Israel para que oferecessem holocaustos e imolassem “suas vítimas pacíficas, que foram touros” e o que foi feito com todo aquele sangue, basta acessar Êxodo 24, 4-8; o sacrifício de vacas vermelhas está detalhado em Números 19, 1-10.

Após essas digressões — que, segundo Sterne (1988), “são incontestavelmente a luz do sol – são a vida, a alma da leitura” —, voltemos a juntarmo-nos a Jesus em sua tentativa, infelizmente frustrada, de poupar a vida de

seu anho tornado ovelha. Agora apela ele para o senso de propriedade privada, presente até mesmo na divindade (“Mas esta é a minha ovelha, Outra vez te enganas, o cordeiro era meu e tu tiraste-mo, agora a ovelha paga a dívida.”), e finalmente para o fato de não dispor do instrumento adequado ao sacrifício (“Mas vê, Senhor ... não tenho cutelo nem faca ... Não seria eu o Senhor se não pudesse resolver-te essa dificuldade, aí tens. Palavras não eram ditas, apareceu aos pés de Jesus um cutelo novo.”). Tendo todos os seus artifícios logrados pela prepotência (e um certo mal caráter) divina, Jesus, conformado, cede, ironicamente, ao mal (p. 264):

Jesus empunhou o cutelo, avançou para a ovelha que levantava a cabeça, hesitante em reconhecê-lo, pois nunca o tinha visto nu, e, como é por de mais sabido, o olfacto desses animais não vale grande coisa. Estás a chorar, perguntou Deus, Tenho os olhos sempre assim, disse Jesus. O cutelo subiu, tomou o ângulo do golpe, e caiu velozmente como o machado das execuções ou a guilhotina que ainda falta inventar. A ovelha não soltou um som, apenas se ouviu, Aaaah, era Deus suspirando de satisfação.

Como salientado por Ferraz (1998, p. 110), de todas as personagens por quem o narrador expressa uma antipatia profunda — que acaba sendo transferida automaticamente ao leitor pela força da prosa de Saramago — é Deus, mais ainda do que José ou Maria, quem merece essa honra: é ele, e não Satanás (Pastor), quem tenta Jesus no deserto, é ele quem o obriga a sacrificar sua ovelha querida.

De volta ao campo, Jesus encontra-se com Pastor, que lhe pergunta se havia achado sua ovelha (“Encontrei Deus, Não te perguntei se encontraste Deus, perguntei-te se achaste a ovelha. Sacrifiquei-a, Porquê, Deus estava lá, teve de ser.”). A reação de Pastor reafirma a inversão de papéis que Saramago estabeleceu para Deus e o Diabo e que marca todo o livro (“Com a ponta do cajado, Pastor fez um risco no chão, fundo como rego de arado, intransponível como uma vala de fogo, depois disse, Não aprendeste nada, vai.”) (p. 264-265), inversão essa que atinge o clímax na célebre cena em que

Jesus, Deus e Pastor travam uma longa discussão em um barco à deriva em meio a uma bruma misteriosa. Após o próprio Deus fazer desfilar por quatro páginas inteiras, em ordem alfabética, os nomes dos futuros mártires do Cristianismo e detalhes do suplício a que foram submetidos (“Todos eles vão ter de morrer por causa de ti, perguntou Jesus, Se pões a questão nesses termos, sim, todos morrerão por minha causa, E depois, Depois, meu filho, já to disse, será uma história interminável de ferro e de sangue, de fogo e de cinzas, um mar infinito de sofrimento e de lágrimas”). (p. 381), Pastor faz uma última tentativa, infrutífera, de convencê-lo a desistir do plano diabólico (= divino) de estender seu domínio sobre todos os povos:

... a minha proposta é que tornes a receber-me no teu céu, perdoado dos males passados pelos que no futuro não terei de cometer, que aceites e guardes a minha obediência ... E por que haveria eu de receber-te e perdoar-te, não me dirás, Porque se o fizeres ... acaba-se aqui hoje o Mal, teu filho não precisará morrer, o teu reino será, não apenas esta terra de hebreus, mas o mundo inteiro ... Não te aceito, não te perdoo, quero-te como és, e, se possível, ainda pior do que és agora, Porquê, Porque este Bem que eu sou não existiria sem esse Mal que tu és ... se tu acabas, eu acabo, para que eu seja o Bem, é necessário que tu continues a ser o Mal, se o Diabo não vive como Diabo, Deus não vive como Deus, a morte de um seria a morte do outro.

“Então o Diabo disse, É preciso ser-se Deus para gostar tanto de sangue” (p. 391).

Nas cenas anteriores, em que Jesus está às voltas com sua ovelha, Saramago humaniza o Cristo e o opõe à figura autoritária e egoísta de Deus, fazendo-nos acreditar que Jesus era mesmo contra sacrifícios animais. Essa visão vai ao encontro da narrativa aparentemente dominante, que ganhou um grande consenso entre os acadêmicos, de que o Cristianismo, desde suas origens, fundamentalmente opunha-se à prática do sacrifício animal, que a rejeição cristã do sacrifício já estava presente em seus primeiros representantes, até mesmo no próprio Cristo (Pjecha, 2014, p. 115).

Em uma obra de grande profundidade exegética, Daniel C. Ullucci (2012), entre outros objetivos, tenta demonstrar a continuidade da prática religiosa cristã primitiva com a da Judéia e finalmente com a tradição greco-romana, particularmente no ritual do sacrifício de animais (Pjecha, 2014, p. 115). Ullucci identifica diversos trechos do Velho Testamento que parecem rejeitar o sacrifício (Salmos 50, 9-13, Oséias 6, 6, Amós 5, 21-24, Isaías 1, 11-12, Jeremias 7, 21-24), mas argumenta que não rejeitam explicitamente o culto sacrificial no templo, mas enfatizam a importância de outros fatores — tais como obediência, amor e conhecimento, ou retidão — que devem acompanhar o sacrifício para garantir que ele seja agradável a Deus, trechos que, lidos em seu devido contexto, revelam que a amoralidade de seu povo é o que realmente encoleriza Deus (Pjecha, 2014, p. 117).

Segundo Ullucci (Pjecha, 2014, p. 118-119), não há evidência de que os primeiros autores cristãos tenham defendido uma rejeição direta do sacrifício animal; os Evangelhos trazem vários exemplos de sacrifício, seja da família de Jesus (Lucas 2), Jesus sugerindo-o a um leproso (Marcos 1, 40-4), e o próprio Jesus comendo um cordeiro pascoal (Marcos 14, 12-31); o ataque de Paulo à idolatria representaria uma crítica específica ao sacrifício não-judaico, e ele próprio teria praticado o sacrifício (Atos 24, 17).

Segundo o “modelo da substituição”, a rejeição estaria ligada ao fato de os primeiros cristãos terem visto a morte de Jesus como um sacrifício que substituiu todos os outros (representado posteriormente pela Eucaristia), mas Ullucci desafia a associação da morte de Jesus com o conceito de sacrifício animal argumentando que as razões contra o sacrifício só surgiram após a destruição do templo (70 d.E.C.), momento em que o sacrifício judaico tornou-se impossível; um novo contexto social, com a mudança do poder religioso de elites latifundiárias para produtores educados de cultura urbana, teria sido a principal causa do fim dos sacrifícios entre os cristãos (Pjecha, 2014, p. 120).

Para concluir nossa análise d’*O evangelho*, voltemos à parte da narrativa em que Jesus expulsa violentamente

os vendilhões do templo (“... e continuava a deitar as mesas abaixo, fazendo espalhar e saltar as moedas, com enorme gáudio de uns quantos dos mil que correram a colher aquele maná”), libertando, de roldão, as pombas que seriam vendidas aos fiéis e destinadas ao sacrifício, as quais festejam alegremente (p. 425-426):

... e por fim já os bancos dos vendedores de pombas eram também atirados ao chão, e as pombas livres, voavam por sobre o Templo, rodopiando doidas, além, em redor do fumo do altar, onde não iriam ser queimadas porque havia chegado o seu salvador.

Essa cena, conhecida como a “limpeza do templo”, descrita em Marcos 11, 15-19 e reproduzida pelo pincel de El Greco e Rembrandt, não deve ser interpretada como um desafio ao culto do templo ou mesmo como um evento histórico, mas como uma ferramenta narrativa para criticar o sacrifício “impróprio” (Pjecha, 2014, pp. 81-2).

Como vimos até aqui, n’O *evangelho segundo Jesus Cristo*, Saramago descreve práticas de sacrifício animal que parecem ter sido retiradas diretamente dos textos bíblicos, acrescentando, naturalmente, sua visão crítica, marcada pela ironia, e deixando expressa sua compaixão pelo sofrimento imposto aos animais por práticas humanas baseadas na ignorância religiosa. Encerraremos esta análise trazendo à tona o conflito recente entre a liberdade religiosa e o direito dos animais no Brasil.

CONFLITO ENTRE LIBERDADE RELIGIOSA E DIREITOS DOS ANIMAIS

O termo “sacrifício”, no contexto de nossa discussão, pode ser definido como a “matança ritualizada de um animal e a distribuição de suas partes entre os seres humanos e seres sobre-humanos imaginados.” (Wikipédia, 2022). Há registros de sacrifícios rituais de animais desde a Revolução Neolítica, ocorrida cerca de 8000 a.E.C.; na Mesopotâmia, no Antigo Egito e na Pérsia (4400-4000 a.E.C.), ovelhas, cabras e gazelas eram usadas em holocausto, o que significa

que animais inteiros eram queimados como oferendas aos deuses. A *Ilíada* e a *Odisseia* estão ambas povoadas de menções a sacrifícios, às vezes apresentados muito detalhadamente — como no Canto III, versos 417-463 da *Odisseia* (Homero, 2020, p. 163-164) — e hecatombes (sacrifício de cem touros) eram comuns na Grécia antiga. Uma exposição abrangente do sacrifício de animais em rituais religiosos ao longo da história em todas as partes do mundo pode ser encontrado em Wikipedia (2022), que apresenta mais de uma centena de referências externas.

Vieira e Silva (2016) nos oferecem um resumo das práticas sacrificiais nas religiões modernas suficientemente esclarecedor para nosso modesto objetivo. As religiões panteístas ou ateístas, como o Hinduísmo e o Budismo, que geralmente acreditam na metempsicose (transmigração das almas), expressam preocupação pelo sofrimento imposto aos animais, quer ensinando que não temos o direito de matá-los porque não somos capazes de criá-los, quer porque creem que a violência contra os animais torna o espírito impuro. Podemos resumir o pensamento dessas religiões no que respeita o sacrifício animal com a asserção seguinte: “Quem sacrifica aos deuses seus maus desejos e vis paixões compreende a inutilidade de banhar em sangue de animais inocentes as aras do altar.” O Jainismo, que tem no Mahatma Gandhi seu mais célebre seguidor, vai mais longe: todas as criaturas formam uma única realidade divina e cósmica. Divide os seres em não conscientes (matéria, tempo, espaço) e conscientes (seres vivos), acrescentando um sexto sentido (o pensamento, a complexidade mental = energia, espírito e consciência) a estes últimos e incluindo no grupo os humanos, as aves e outros animais. Seu lema principal é a não-violência (*ahimsa*), a compaixão por todas as criaturas indefesas, “vítimas da maldade e da tirania humanas, que não têm força para nos resistir.” (Vieira e Silva, 2016, p. 100).

Apesar, como vimos, de serem uma constante tanto no Velho como no Novo Testamento, sacrifícios de animais não são praticados nas religiões monoteístas modernas, embora tenhamos notícia de um retrocesso em Jerusalém: os Leviim (tribo de Levi dedicada aos

cuidados do templo) voltaram a fazer sacrifícios de animais depois de dois mil anos. Segundo o rabino Yehuda Glick, o ritual está sendo feito de acordo com a lei judaica, em um altar construído exclusivamente para o abate de cabras, mortas ao som de orações e cantos (Vieira e Silva, 2016, p. 103-104)

A Umbanda é a única religião de matriz africana no Brasil a não sacrificar animais, oferecendo aos orixás outros produtos, como ervas, frutos, flores. Evidência e estima o respeito e a “união religiosa com as divindades e os espíritos da natureza ou que se servem dela para auxiliarem os encarnados.” (Vieira e Silva, 2016, p. 100).

No Candomblé, por outro lado, os animais são considerados oferendas (alimento) aos orixás, pois acredita-se que, quando não alimentadas, as entidades deixam de existir. Parece-me bastante oportuno que as partes que têm valor como oferenda sejam patas, asas, cabeça, cauda, coração, pulmão e moela, e não peito, coxas e sobrecoxas (obviamente estamos falando de aves).

Rituais de sacrifício animal, que se assemelham às práticas arcaicas dos primórdios da Humanidade, quando realizados em pleno século XXI, impõem à sociedade uma discussão bioética relacionada ao conflito entre liberdade religiosa e direitos dos animais/proteção ambiental, tendo, a Suprema Corte, a palavra final. A (im)possibilidade de diálogo entre sacrifício animal, proteção ambiental e liberdade religiosa foi discutida em detalhes por Campos (2017).

Voltemos um pouco no tempo. Em 2016, o Supremo Tribunal Federal decidiu pela inconstitucionalidade da vaquejada por entender que essa prática submete os animais à crueldade, fazendo prevalecer os direitos dos animais sobre as manifestações culturais e repetindo sua decisão análoga nos julgamentos da briga de galos e da farra do boi (ver Bertoluci, 2020b, p. 65). Apenas os ministros Dias Toffoli, Gilmar Mendes, Luiz Fux, Edson Fachin e Teori Zavascki votaram a favor da constitucionalidade da vaquejada. No voto que decidiu a questão, a ministra Carmen Lúcia declarou:

Sempre haverá os que defendem o que vem de longo tempo e se encravou na cultura do nosso povo. Mas cultura se muda e muitas foram levadas nessa condição até que houvesse outro modo de ver a vida, não somente a do ser humano.

Apenas três anos depois, o STF decidiu, por unanimidade, pela constitucionalidade do sacrifício de animais em rituais de todas as religiões, não apenas naquelas de matriz africana, “desde que sem excessos ou crueldade”; e o voto do relator, ministro Marco Aurélio Mello, condicionava o abate ao consumo da carne do animal; nesse ponto, não foi seguido por qualquer dos ministros. Estiveram presentes nas duas decisões todos os ministros envolvidos na votação de 2016, exceto os ministros Celso de Mello, ausente da sessão, e Teori Zavascki, falecido em 2017 (Jusbrasil, 2019).

Quando analisamos as declarações de alguns ministros, como Luís Roberto Barroso (“A lei local deu proteção especial às religiões de matriz africana em razão do histórico de discriminação”), Luiz Fux (“É o momento próprio para que o Direito diga em favor das religiões de matriz africana que não há nenhuma ilegalidade no culto de professam e nas liturgias que praticam”) e Alexandre de Moraes (“São rituais que não figuram maus tratos aos animais e não há como restringir por causa da liberdade religiosa.”), fica claro que o que estava em jogo de fato era uma oposição à discriminação racial. A pergunta que fica é: Será que se a vaquejada fosse uma prática de origem africana ou fosse parte de algum tipo de culto religioso os bois teriam tido a mesma (falta de) sorte?

Manifestações contrárias a essa decisão surgiram de inúmeras vozes da sociedade civil (Jusbrasil, 2019), com destaque para as do Fórum Nacional de Proteção e Defesa Animal, que reúne mais de uma centena de ONGs afiliadas (“Nenhum dogma pode se legitimar pela crueldade.”), da Avaaz.org (rede para mobilização social global através da Internet; “A liberdade de crença não pode se sobrepor ao direito dos animais. Trata-se de ato de selvageria, covarde e de crueldade contra

incapaz.”) e dos membros da II Comissão de Estudos em Direito Animal do Canal Ciências Criminais:

A laicidade do Estado não significa falta de ponderação de princípios, mas a legislação brasileira insiste em reconhecer o direito à vida apenas ao animal humano; ao não humano fica o interesse ambiental ou, agora, religioso.

A vedação à crueldade animal que está prevista na Constituição Federal tem natureza de regra constitucional. É similar, por exemplo, à vedação de tortura a humanos, também regra constitucional. Logo, por ser regra, não há que se fazer ponderação de princípios colidentes (liberdade religiosa x proteção do ambiente/fauna).

Adiro à conclusão de Sigmund Freud (1978) — pensador que impôs à humanidade sua terceira e mais dolorosa ferida narcísica — que, há um século, escreveu:

As religiões da humanidade devem ser classificadas entre os delírios de massa desse tipo [do tipo que tenta obter uma certeza de felicidade e uma proteção contra o sofrimento através de um remodelamento delirante da realidade]. É desnecessário dizer que todo aquele que partilha um delírio jamais o reconhece como tal.

Encerro este texto dirigindo ao rabino Yehuda Glick e aos praticantes de sacrifícios de animais em território brasileiro a mesma pergunta feita há 2500 anos pelo poeta dos Upanishads:

O sangue dos animais mortos por ti
Forma uma poça a teus pés.
Se assim se chega aos destinos superiores,
O que então conduz aos infernos?

REFERÊNCIAS

- Bertoluci, J. (2020a). Um cão perdido na Lisboa medieval de Saramago. *Estudos Avançados* 34(98): 317-330.
- Bertoluci, J. (2020b). Os mansos morrem trabalhando e os bravos, lutando. *Revista USP* 125: 53-66.
- Bertoluci, J. (2021). Como desenhar um elefante. *Revista de Estudos Saramaguianos* 13(1): 57-77.
- Bertoluci, J. (2022). O humilde vaidoso – a verdadeira motivação de Francisco de Assis. *Revista de Estudos Saramaguianos* 15: 51-69.
- Bíblia Sagrada. (1977). Edição ecumênica. Barsa. Trad. Pe. Antonio Pereira de Figueiredo. Rio de Janeiro.
- Campos, C. A. L. (2017). Sacrifício de animais, proteção ambiental e liberdade religiosa: um diálogo possível? *Revista de Biodireito e Direitos dos Animais* 3(1): 20-35.
- Freud, S. (1975). Moisés e o monoteísmo. Imago Editora. Rio de Janeiro.
- Freud, S. (1978). O Mal-Estar na Civilização. *In Sigmund Freud. Os Pensadores*. Abril.
- Homero. (2020). *Odisseia*. Penguin/Companhia das Letras. São Paulo.
- JusBrasil. (2019). Canal de Ciências Criminais: <https://canal-cienciascriminais.jusbrasil.com.br/artigos/693161114/o-stf-e-a-constitucionalidade-dos-sacrificios-de-animais-em-cultos-de-religoes-de-matriz-africana>. [Acesso em 28 de outubro de 2022.]
- Maciel, M. E. (2011). A vida dos outros - J. M. Coetzee e a questão dos animais. *Aletria* 21(3): 91-101.
- Pjecha, M. (2014). The Christian Rejection of Animal Sacrifice. *International Political Anthropology* 7(1): 115-123.
- Saramago, J. (1980). *Levantado do chão*. Editorial Caminho. Lisboa.
- Saramago, J. (1982). *Memorial do convento*. Bertrand. Lisboa.
- Saramago, J. (1986). *A jangada de pedra*. Companhia das Letras. São Paulo.
- Saramago, J. (1989). *História do cerco de Lisboa*. Companhia das Letras. São Paulo.

Saramago, J. (1991). O evangelho segundo Jesus Cristo. Companhia das Letras. São Paulo.

Saramago, J. (1995). Ensaio sobre a cegueira. Companhia das Letras. São Paulo.

Saramago, J. (2000). A caverna. Companhia das Letras. São Paulo.

Saramago, J. (2004). Ensaio sobre a lucidez. Companhia das Letras. São Paulo.

Saramago, J. (2008). A viagem do elefante. Companhia das Letras. São Paulo.

Saramago, J. (2009). Caim. Companhia das Letras. São Paulo.

Souza, R. V. (2007). O Jesus de Saramago e a literatura que revisita Cristo. Dissertação de Mestrado. FFLCH-USP. 126 pp.

Sterne, L. (1998) A vida e as opiniões do cavalheiro Tristram Shandy. Trad. de José Paulo Paes. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras.

Ullucci, D. C. (2012). The Christian Rejection of Animal Sacrifice, Oxford University Press: Oxford, pp. 227.

Vieira, T. R. & C. H. Silva. (2016). O sacrifício animal em rituais religiosos ou crenças. Revista de Biodireito e Direitos dos Animais 2(2): 97-117.

Wikipedia. (2019). Animal sacrifice. Wikipedia, The Free Encyclopedia. https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Animal_sacrifice&oldid=1106141287 [Acesso em 28 de outubro de 2022].

O AUTOR

Jaime Bertoluci

Pesquisador do Instituto de Estudos Avançados, Universidade de São Paulo.

E-mail: jaime.bertoluci@usp.br

